



---

ÁREA TEMÁTICA: Saúde, Corpo e Sexualidade

---

«A primeira vez» — Juventude, género e sexualidade

---

FERREIRA, Pedro Moura

Doutorado

Instituto de Ciências Sociais

pmferreira@ics.ul.pt

---

### Resumo

A sexualidade é actualmente vivida numa sociedade secularizada em que é manifesto o declínio da influência das instituições e das morais religiosas na organização da vida privada. A sexualidade inscreve-se cada vez mais no campo das decisões e das escolhas individuais. Sem que isto signifique a ausência de regulação social, na medida em que não é possível escapar aos condicionalismos sociais, a sexualidade manifesta-se, contudo, num contexto relacional cada vez mais igualitário em que cada um pode manifestar as suas escolhas e em que a procura do prazer se torna não apenas uma descoberta mas também uma afirmação identitária. Como se opera então a passagem para a sexualidade genital? «A primeira vez» é sempre o momento inaugural da entrada na sexualidade adulta? Até que ponto a «permissividade» social não terá banalizado essa entrada? A partir de um inquérito à sexualidade dos jovens portugueses realizado em 2007 a uma amostra representativa, a comunicação procura explorar e trazer elementos de respostas a estas questões. Recorrendo a procedimentos estatísticos, procede-se à avaliação dos factores que mais condicionam a entrada na sexualidade adulta, identificando as resistências que, eventualmente, se manifestem em relação a uma completa convergência de género.

Palavras-chave: sexualidade; juventude; relações sexuais; género;





Na nossa cultura, a primeira relação sexual é um dos actos mais salientes da história sexual de cada indivíduo, sendo, provavelmente, o que é mais facilmente recordado, sobretudo quando aumenta a distância temporal que o separa do presente. O facto de todas ou quase todas as pessoas serem capazes de reportarem a «primeira vez» mostra, desde logo, a importância que lhe atribuem, razão que em si mesma justificaria uma referência própria. Não é, contudo, por ser um acto que dificilmente se apaga da memória, sendo por isso bastante mais fidedigno do que muitos outros, mais susceptíveis de sucumbirem nos corredores do tempo, que justifica a sua importância. A «primeira vez» marca também o início da actividade sexual com parceiro. Não se ignora, obviamente, que essa actividade a dois tem antecedentes, outras manifestações e intensidades. Mas nenhum outro acto simboliza de forma tão plena e assumida esse desenvolvimento da sexualidade através do outro. É um marco incontornável da história sexual da maior parte dos indivíduos.

A «primeira vez» não é apenas importante do ponto de vista individual, mas também do ponto de vista simbólico. Durante muito tempo, principalmente para as mulheres, a iniciação sexual esteve rodeada de preocupações morais e normativas relacionadas com o controlo da virgindade — vista como uma condição imprescindível do acesso imaculado ao casamento e à sua função sexual e de procriação legítima. A coincidência entre o início da actividade sexual com parceiro e o casamento, frequentemente associada à saída da casa e da autoridade paternas, representava um ponto de viragem decisivo na vida de muitas das mulheres que pertencem às gerações mais velhas. Para as mais novas, os processos de transição não ocorrem do mesmo modo. Mas a «primeira vez» continua a representar um ponto de viragem na medida em que representa uma mudança do estatuto sexual que, a par de outras mudanças estatutárias, permite consolidar progressivamente uma transição prolongada para a idade adulta.

Se o significado da virgindade estava ligado a uma condenação social da sexualidade feminina fora da conjugalidade e do quadro da procriação familiar, hoje em dia a aceitação generalizada da sexualidade pré-conjugal ditou de forma praticamente irremediável o descrédito da virgindade enquanto valor condicionante do início das práticas sexuais. Numa sociedade em que os tabus em relação ao sexo se dissipam, a virgindade quase que passa por ser considerada um estigma. Ser virgem não é uma qualidade apelativa, podendo constituir, sobretudo nos meios juvenis, motivo de vergonha, menoridade, ou inexperiência.

A aceitação das relações sexuais antes do início da vida conjugal, particularmente do casamento, quer para rapazes quer para raparigas, alterou substancialmente as condições de iniciação. A tradicional iniciação masculina com uma prostituta, ainda que não eliminada, caiu em desuso, possibilitando o surgimento de um quadro mais igualitário nas relações entre os géneros. A descida da idade de iniciação feminina permitiu que as mulheres das gerações mais novas tivessem em relação às mais velhas uma vida sexual mais precoce e os mesmos direitos do que os homens. A «primeira vez» descreve assim um pouco da história sexual de cada geração e das mudanças que se registaram ao longo do tempo.

A desvinculação do sexo do casamento, ou da vida conjugal em sentido amplo, e a descida da idade de iniciação sexual, sobretudo no que respeita às mulheres, não significaram, porém, como alguns gostam de sustentar, a entrada num estado irrestrito de permissividade. Novas normas substituíram as anteriores. A «primeira vez» é agora associada, por uma lado, a uma norma etária de grupo, e, por outro, a uma norma relacional (Bozon, 2004). A predominância dos grupos de pares na socialização juvenil, que ocorre num contexto de massificação escolar, contribuiu de forma muito decisiva para que a entrada na sexualidade adulta ocorra hoje num intervalo de tempo bastante mais restrito do que anteriormente e em torno de uma idade média que têm vindo a baixar.

Além da norma etária, existe também uma norma relacional que se desenvolve em torno de um «ideal da primeira relação» (Le Gall e Le Van, 2007), segundo a qual é no interior de uma relação amorosa, preferencialmente de um grande amor, que a «primeira vez» deverá ocorrer. A primeira relação sexual pressupõe idealmente um relacionamento próximo que permita a descoberta do outro e de si próprio. De certo modo, esta norma representa a reactualização da que apadrinhava o casamento como o culminar do



processo amoroso e da realização sexual. Há, no entanto, a salientar que a interpretação da norma é matizada segundo o género, sendo aparentemente menos estruturante para os rapazes. Com efeito, ainda que cada vez em menor número, continuam a manifestar maior tendência para desvincularem os aspectos sexuais dos afectivos, e a mostrar uma preocupação excessiva pelo lado «técnico» e em «ganhar mais experiência», que se traduz no receio mais ou menos difundido nas hostes masculinas de poder não «estar à altura». Nas raparigas, o contexto relacional apresenta-se muito mais associado a um desenvolvimento de vínculo.

Mas não é este o único caso em que uma norma sexual é interpretada de forma diferente segundo o género. Se bem que a iniciação sexual pré-conjugal ou a perda da virgindade não sejam mais censuráveis, continua a manifestar-se um duplo padrão moral no que respeita à conduta sexual (Bozon, 2004). As experiências múltiplas e os relacionamentos ocasionais sem um enquadramento amoroso continuam a sancionar fortemente as reputações das raparigas, enquanto que nos rapazes a repercussão é, no mínimo, inócua. A neutralização das diferenças de género continua a ser uma meta a atingir.

Tendo presente o quadro conceptual que acabamos de descrever, o objectivo desta comunicação visa dar conta da mudança que se tem registado no contexto da iniciação sexual dos jovens portugueses, contrapondo-o ao das gerações mais velhas. Os dados em que se apoia resultam de um inquérito recentemente realizado à população sobre os comportamentos sexuais e a infecção do HIV/Sida<sup>1</sup> e está dividida em duas partes. Na primeira descrevem-se os marcadores temporais da primeira relação sexual e a respectiva caracterização sociográfica. Na segunda parte explora-se os contextos relacionais e motivacionais da iniciação sexual, dando relevo a três questões, a saber: o estatuto do vínculo relacional, a motivação subjacente à iniciação sexual e a experiência e a iniciativa no campo sexual.

### **Marcadores temporais da iniciação sexual**

Apesar de a população inquirida estar compreendida entre 18 e 65 anos, verificou-se a existência de um grupo de pessoas sexualmente não iniciadas. A questão filtro perguntava taxativamente se já «tinha tido relações sexuais ou se isso ainda não lhe tinha acontecido». Negativamente, responderam 4,9% dos inquiridos (Quadro nº 1). Como constitui um grupo com alguma expressão numérica, justifica-se uma breve incursão pelos atributos sociodemográficos que o caracterizam antes de se proceder à caracterização dos marcadores temporais da iniciação sexual.

As duas principais variáveis demográficas — idade e género — desempenham um papel bastante influente. Com efeito, existe um desequilíbrio intersexual acentuado, que eleva a percentagem feminina (6,8%) e diminui a masculina (3%). Também na perspectiva etária, as variações são significativas. Tanto nos homens como nas mulheres é o grupo mais novo (18-24 anos) que concentra a maior parte dos indivíduos «virgens», representando, nesse grupo, respectivamente, cerca de um quinto (16,7%) e de um terço (33,7%). Nas outras classes etárias, as proporções de virgens, no caso masculino, são quase residuais, e, no feminino, pouco expressivas, não indo além de 4,7% a segunda maior proporção, que se verifica no grupo mais velho. Conjugando este duplo efeito demográfico, pode dizer-se que a virgindade é um atributo mais feminino e do grupo etário mais novo, sendo pouco expressiva a população que se manteve virgem ao longo da vida.

Depois desta breve caracterização da distribuição do grupo sexualmente não iniciado, podemos analisar o que representa a grande maioria da população. Em relação a esta distribuição começaremos por reter, num primeiro tempo, as variações segundo a idade e o sexo e, depois, num segundo momento, as restantes variáveis que intervêm quase ao abrigo de um estatuto explicativo. Esta divisão permite também evidenciar, como referimos, as mudanças que ocorrem na iniciação sexual ao longo do tempo.



Por se ter referido a distribuição da população virgem, a repartição segundo o género da população sexualmente iniciada já é conhecida, pelo que se pode considerar os efeitos de idade. Um dos aspectos mais interessantes da distribuição etária é o de permitir seguir as mudanças nas condições da iniciação sexual, na medida em que possibilita caracterizar a idade de iniciação segundo as diferentes gerações, que, contudo, deverão ser desdobradas por género. O ponto de partida é muito distinto, e a natureza e as implicações das mudanças não são exactamente comparáveis, sendo, por isso, necessário separar a geração masculina e a feminina.

A melhor forma de comparar a evolução da idade de iniciação sexual nas diversas gerações masculinas é comparar os extremos do arco temporal que separa a geração mais nova (18-24 anos) da mais velha (55-65 anos). A comparação faz ressaltar algumas diferenças mais ou menos pronunciadas (Quadro nº 2). Hoje em dia, a iniciação sexual masculina é maioritariamente realizada antes de se ter atingido a idade de dezassete anos (53%), sendo a idade média, segundo os dados apurados, de 16,5 anos. A proporção correspondente na geração mais velha é um pouco mais baixa (43%), mas, em contrapartida, a proporção na classe de catorze anos ou menos é mais alta. Outro valor contrastante diz respeito à classe etária modal, ou seja, a classe em que a proporção é a mais elevada. Essa classe é na geração mais nova a de 15-16 anos (41,2%) e, na geração mais velha, a de 17-18 anos (28%). Estas diferenças sugerem que a iniciação sexual desta última geração se caracteriza por uma maior dispersão na medida em que há menos desequilíbrio entre as diferentes classes etárias, enquanto a iniciação na geração mais nova, além de ser mais precoce, surge mais concentrada.

As outras gerações que se situam entre a geração da base e a do topo ocupam posições intermédias, embora seja evidente a existência de uma progressão linear. À medida que se progride no sentido da geração do topo aumenta a proporção das iniciações mais precoces (14 anos ou menos), mas tende a diminuir a proporção abaixo de dezassete anos. Estas diferenças traduzem o facto de a iniciação estar hoje sujeita a outras normas que prescrevem uma idade em torno do intervalo entre quinze e dezoito anos e que tendem a desvalorizar uma iniciação muito precoce (abaixo de quinze anos). Em contrapartida, a concentração etária traduz uma mudança muito significativa da experiência social dos jovens que se caracteriza pelo alastramento da escolaridade a todos os segmentos da juventude. A constituição de meios juvenis proporcionada pela escola homogeneizou a experiência e a iniciação sexuais dos rapazes.

E a experiência feminina terá seguido a mesma evolução ou apresenta especificidades próprias? Seguindo o mesmo percurso analítico, começaremos por confrontar a geração mais nova e a mais velha. A iniciação sexual feminina da geração mais nova (18-24 anos) revela uma proporção de 35% abaixo de dezassete anos, que passa a 76,4% se a idade subir mais dois anos. Ou seja, maioritariamente as jovens têm a primeira relação sexual antes de terem atingido dezanove anos. A idade média de iniciação feminina é de 17,2 anos. Relativamente aos rapazes, em que mais de metade das iniciações é realizada abaixo da idade de dezassete anos, a iniciação feminina é menos precoce. Porém, em relação à geração mais velha há uma enorme diferença no calendário sexual. Com efeito, metade das mulheres (50,8%) dessa geração teve relações sexuais primeira vez antes de perfazer vinte e um anos, e a outra metade só depois dessa idade. Há, simultaneamente, uma forte descida da idade média de iniciação e uma maior concentração em torno dessa idade. Esta concentração é também ilustrada a partir das classes modais. Na geração mais nova é a classe de 17-18 anos (41,4%) e, na geração mais velha, é a de 21 ou mais anos (49,2%). As percentagens são elevadas em ambos os casos, mas é preciso notar que a amplitude da primeira é de dois anos enquanto na segunda classe etária é aberta, ou seja, contempla qualquer idade superior ou igual a vinte e um anos. A dispersão etária é muito superior nesta última, pelo que a concentração de indivíduos decresceria se fosse medida ano a ano.

Há outro resultado interessante que representa uma evolução contrária à que se observou na distribuição masculina. Nesta distribuição registou-se uma tendência de contracção da iniciação muito precoce, ou seja, abaixo da idade de quinze anos. De geração para geração, a proporção de rapazes baixou continuamente. Na distribuição feminina passa-se exactamente o contrário. A proporção não tem parado



de aumentar. Na geração mais velha, a iniciação muito precoce é residual (1,6%), mas é expressiva na geração mais jovem (7,9%). Este crescimento, mesmo tendo em conta que o valor de partida é muito baixo, parece indicar que a descida da idade de iniciação feminina, ao contrário da masculina, é acompanhada pelo aumento da precocidade.

Como interpretar estas tendências? Aparentemente, elas reflectem a convergência de género que se tem vindo a observar. O declínio do duplo padrão moral eliminou não apenas as restrições normativas que pesavam sobre as mulheres, mas também as condições de iniciação masculina. A incitação à precocidade sexual perdeu terreno no discurso masculino, tendo permitido uma maior concentração em torno da idade ideal de iniciação. Nas raparigas não se verifica isso na medida em que antes a iniciação precoce era profundamente penalizada, como bem provam as baixas percentagens que são observadas nas gerações mais velhas. A passagem para um clima de maior liberdade em matéria de iniciação sexual permitiu uma aproximação aos comportamentos masculinos que se manifestou também na precocidade. Mas, apesar dessa aproximação, continua a registar-se quer na iniciação mais precoce quer na idade modal de iniciação um diferencial de género, com a vantagem ainda a pertencer ao masculino.

Além das variáveis idade e género, o delineamento analítico contempla ainda a descrição do papel de algumas condicionantes sociais da iniciação sexual, como a escolaridade e a prática religiosa. O recorte da escolaridade revela na distribuição masculina duas situações que merecem ser destacadas (Quadro nº 2). A primeira assinala que a iniciação mais precoce é sobretudo característica dos rapazes menos instruídos. Os dois níveis mais baixos de instrução apresentam proporções acima de 15%, enquanto os dois níveis mais altos estão abaixo de 10%. Mas não se julgue que a relação é linear. Com efeito, quer o ensino superior quer o 1º ciclo do ensino básico aparecem bem representados na iniciação mais tardia. Consideradas simultaneamente, as duas situações sugerem que os jovens mais instruídos tendem a diferir a iniciação sexual e os que estão na base da pirâmide educacional desdobram-se pelas duas situações extremas, ou seja, tanto podem ter uma iniciação precoce como tardia. Os níveis de ensino intermédios são balizados pelos outros dois, aproximando-se daquele que está mais próximo.

Nas mulheres, o impacto da educação não reproduz exactamente os mesmos efeitos. É verdade que se pode dizer que a iniciação precoce está mais bem representada nos níveis mais baixos de escolaridade, mas as diferenças são menos pronunciadas do que as que se registam na distribuição masculina e, sobretudo, que os valores em causa são bastante mais pequenos. A proporção de casos nunca chega a ultrapassar 5%. O facto mais saliente é a observação de que a iniciação tardia é principalmente característica das mulheres menos instruídas (40,2%). As diferenças entre o ensino superior e os outros dois níveis de instrução imediatamente abaixo são ligeiras e muito longe da diferença que o separa do nível mais baixo. Resulta assim uma iniciação precoce globalmente pouco expressiva e uma iniciação tardia das mulheres menos instruídas. As mais escolarizadas tendem a ter uma iniciação um pouco mais tardia do que as que têm níveis intermédios, mas ainda assim muito distanciada das mulheres menos escolarizadas.

O segundo recorte a considerar é a prática religiosa. Os resultados mostram uma relação praticamente linear entre a idade de iniciação e a religião em ambos os géneros. De uma forma geral, a primeira relação tende a ocorrer mais cedo nos inquiridos que não professam uma crença religiosa ou cuja prática religiosa é muito reduzida ou nula. O inverso é, naturalmente, verdadeiro. Os mais religiosos estão sobretudo representados nas idades mais velhas. Por exemplo, a iniciação acima de 18 anos representa 50,4% dos homens e 65,1% das mulheres com a prática religiosa mais intensa (Quadro nº 2). Há, portanto, evidência de que a religião, ou mais exactamente a prática religiosa, tende a diferir a idade de iniciação sexual.



## **As condições envolventes da iniciação sexual**

As condições de iniciação sexual foram essencialmente apreendidas a partir da descida da idade de experimentação e iniciação sexuais. Essas condições são, no entanto, mais vastas e envolvem aspectos relacionais que deverão ser igualmente considerados. Entre muitos outros que poderiam ser considerados, concentramo-nos sobretudo em dois. O primeiro, talvez o mais óbvio, incide sobre o «estatuto» do parceiro com quem se teve o primeiro relacionamento. O segundo explora as razões que os inquiridos apontam para o início da prática sexual, procurando assim identificar de um ponto de vista normativo os motivos legítimos para passagem ao acto e a sua evolução ao longo das gerações.

## **O estatuto relacional do parceiro**

Depois da idade, a identificação do estatuto relacional do parceiro com quem se teve o primeiro relacionamento sexual é muito possivelmente o elemento que mais contribui para definir as condições de iniciação e através do qual se poderá observar as mudanças que as atravessaram. Se em relação à idade, a mudança é vista através da descida da idade média de iniciação, em relação ao estatuto relacional é vista pela importância relativa das diferentes categorias em que se desdobra. Ter tido a primeira relação, por exemplo, com o cônjuge ou com um amigo pode significar ou não coisas distintas em termos de história individual, mas em termos colectivos comporta uma dicotomia muito clara entre uma iniciação no quadro conjugal e uma sexualidade pré-conjugal, que pressupõe também ideias não coincidentes e, por vezes, mesmo muito divergentes em relação ao papel da sexualidade. Essas ideias mudam, como temos vindo assinalar, ao longo do tempo, reflectindo-se nas variações observadas entre os grupos etários e segundo o género. Por isso mesmo, os estatutos relacionais também mudam em função dessas duas dimensões.

Contrariamente a outras variáveis em que é possível fazer uma apresentação da distribuição de frequências, no caso específico dos estatutos relacionais isso não é viável na medida em que as situações relacionais apresentadas aos homens comportava uma situação (a iniciação sexual com uma prostituta), que não tinha equivalência na lista feminina. As duas distribuições não são assim comparáveis, pelo que terão de ser analisadas separadamente, ou seja, a mudança dos estatutos relacionais será vista ao longo da idade em cada um dos géneros.

Referimos que o estatuto relacional permitia caracterizar os modelos de socialização sexual que predominam em determinada geração, e, de facto, basta comparar a geração mais nova e a mais velha para nos convenceremos da amplitude das mudanças que ocorreram nas condições de iniciação sexual ao longo de um período de cerca de três décadas (Quadro nº 3). Nos homens, a mudança é essencialmente caracterizada por duas vertentes: por um lado, pela descida abrupta da iniciação sexual por via do relacionamento ocasional ou da prostituição, que passam, respectivamente, de 16,9% e 24,7%, na geração mais velha, para 8% e 3,2%, na geração mais nova; por outro, pela crescente importância do estatuto de namorado, que de minoritário na geração mais velha (18,5%) passa a maioritário na geração mais jovem (58,3%). Refira-se ainda que o único estatuto que se manteve mais ou menos estável foi o de «amigos», apesar de as relações de conhecimento que não entram no campo da amizade («conhecíamos-nos há algum tempo mas não éramos próximos») terem registado uma certa progressão (de 2,5% para 9,6% entre as gerações referidas). Assinale-se, por último, que, embora nunca atinjam valores muito expressivos em nenhuma geração, as iniciações sexuais que ocorrem no âmbito conjugal («estávamos a viver juntos», «estávamos para casar» e «estávamos casados») têm ainda alguma importância nas gerações mais velhas, mas estão completamente ausentes nas gerações mais novas. Em resumo, pode dizer-se que, no caso masculino, se passou de uma iniciação ocasional, que podia envolver relações de conhecimento e até, pelo





menos em alguns casos, de amizade, para uma iniciação que ocorre predominantemente num quadro de um relacionamento afectivo. Neste sentido, poder-se-á falar de uma tendência de «sentimentalização» da iniciação sexual masculina.

A mudança do estatuto relacional é também bastante significativa nas mulheres, e, embora não se tenha processado em moldes semelhantes, conduziu a uma mesma situação em que a iniciação sexual ocorre maioritariamente numa relação de namoro. Mesmo assim, na geração mais jovem, as mulheres reclamam esse estatuto relacional mais vezes do que os homens (81,9%, contra 58,3%). A diferença pode ficar a dever-se em parte ao facto de os homens indicarem mais frequentemente relações de amizade e de conhecimento. Com efeito, e continuando a citar números relativos ao grupo etário mais novo (18-24 anos), a relação de amizade representa, nos homens, 19% e, nas mulheres, 8,2%, e a relação de conhecimento, respectivamente, 9,6% e 2,4%. É possível que, pelo menos em alguns casos, o estatuto relacional seja interpretado de forma diferente segundo o género: os jovens podem interpretar o relacionamento em que ocorreu a iniciação sexual como uma relação de amizade, enquanto as jovens tenderão a considerá-lo uma relação de namoro.

Esta possível divergência interpretativa decorre da mais forte adesão feminina às normas que se organizam em torno de um «ideal da primeira relação» (Le GALL e Le VAN, 2007), segundo as quais a primeira relação deve estar associada a um contexto criador de vínculo. Ainda que os jovens não as ignorem de forma alguma, tendem, em comparação com as raparigas, a valorizar mais a aprendizagem «prática» da sexualidade do que a natureza afectiva do vínculo. Esta disposição diferenciada poderia ainda justificar a maior inclinação masculina para relacionamentos ocasionais. Embora esses relacionamentos tenham vindo a perder importância na iniciação sexual masculina, representam ainda, mesmo na geração mais jovem, um pouco mais de 10% das iniciações (incluindo também as que recorrem à prostituição), enquanto no conjunto das gerações femininas não vão além de 3%. Deste modo, a «sentimentalização» do contexto relacional em que ocorre a primeira relação sexual é mais intensamente reivindicado pelas mulheres do que pelos homens, apesar da mudança que se operou no sentido da «sentimentalização» da iniciação sexual masculina.

Não se julgue, no entanto, que a mudança na iniciação sexual feminina reside na natureza afectiva e amorosa do vínculo relacional. Seja em que geração for, as mulheres, pelo menos maioritariamente, reivindicam-no. A tendência de «sentimentalização» é um traço da mudança masculina, mas não da feminina. O que realmente caracteriza a mudança da iniciação feminina é a sua deslocação para fora do âmbito conjugal. Neste sentido, a mudança que se observa nas mulheres, pode ser designada por «desconjugalização» do contexto de iniciação sexual.

Na geração mais velha (55-65 anos), o casamento era a forma dominante de iniciação (43,3%) e, se acrescentarmos as situações pré-matrimoniais («estávamos para casar»), então ultrapassa-se mais de metade dos efectivos geracionais. Os restantes vínculos remetem quase exclusivamente para a relação de namoro (34%). Na geração seguinte, o peso das relações conjugais, sobretudo do casamento, diminui significativamente, tendência que se prolonga até à geração mais jovem. Nesta geração, as iniciações sexuais no âmbito conjugal quase que se extinguem, sobrevivendo apenas algumas delas no contexto da coabitação (3,2%), que recrudescer comparativamente à geração mais velha, mas não em relação às outras gerações. O casamento e as relações pré-matrimoniais deixam definitivamente de ser um contexto para a primeira relação sexual feminina.

Em breves palavras, pode resumir-se dizendo que a mudança do contexto da iniciação sexual, nos homens, tendeu para a «sentimentalização» e, nas mulheres, para a «desconjugalização».





## Razões subjacentes à iniciação sexual

Associadas aos vínculos relacionais, surgem as razões que se dão como justificação para o início do relacionamento sexual. Referiu-se acima à possibilidade de o «ideal da primeira relação» poder ser avaliado por rapazes e raparigas de forma diferenciada. A ideia de que a primeira relação é «ilegítima» fora do contexto amoroso é mais frequentemente referida por elas, na medida em que tendem a experimentar negativamente uma iniciação que ocorra no âmbito de um relacionamento ocasional. Esta situação é normalmente vivida de forma diferente pelos rapazes que tendem a avaliar qualquer relação, seja ela boa ou má, como uma oportunidade de ganhar experiência sexual, ou até mesmo de afirmar uma virilidade ainda muito associada à construção da identidade masculina, ou pelo menos a uma certa forma de a certificar. As normas de vinculação afectiva e amorosa no contexto do relacionamento sexual parecem ser menos estruturadoras da experiência masculina do que da feminina. Apesar destas diferenças, ou por causas delas, essas normas devem também reflectir-se nos motivos que «legitimam» a iniciação sexual. Através deles será assim possível observar se de facto as normas de vinculação exercem uma atracção diferenciada segundo o género e se acompanham as tendências de «sentimentalização» e de «desconjugalização» da iniciação sexual.

Que motivos legítimos são dados para a iniciação sexual? Serão os mesmos para homens e mulheres? E em que sentido mudaram, se é que mudaram, ao longo das gerações? São estas as questões que agora se colocam. A lista de motivos contempla nove: «Estava curioso(a) acerca de como seria», «Tinha desejo sexual», «A maior parte das pessoas da minha idade parecia estar a fazê-lo», «Parecia ser o passo seguinte da relação», «Tinha bebido demais», «Querida perder a virgindade», «Estava apaixonado(a)», «Para agradar», «Outra razão» (Quadro nº 4). Dos nove motivos, quatro reúnem a preferência de homens e mulheres: Estava curioso(a) acerca de como seria» (19,7%), «Tinha desejo sexual» (32,9%), «Parecia ser o passo seguinte da relação» (22,7%), «Estava apaixonado(a)» (42,2%)<sup>ii</sup>. Estes motivos são sempre os preferidos em qualquer das gerações. Quanto aos restantes, basta dizer que, além de serem pouco referidos, não revelam, exceptuando o que se refere à perda da virgindade, diferenças numéricas importantes entre géneros. A excepção, talvez sem grande surpresa, é sobretudo referida pelos homens que consideram o desejo de perder a virgindade uma justificação relativamente importante para o início das relações sexuais (15,3%, contra 4,4% nas mulheres).

Se a linha divisória entre os motivos é a mesma para homens e mulheres, isso não significa que os hierarquizem segundo a mesma ordem. É nesta hierarquização que as diferenças de género surgem. Logo à frente os motivos divergem: para as mulheres, o motivo principal para a iniciação sexual é maioritariamente o amor (57,1% subscrevem o item «estava apaixonada»); para os homens, o desejo sexual aparece à frente (43,7%) do amor (28,3%). A seguir ao amor, as mulheres indicam o item «pareceria ser o passo natural seguinte da relação», que nos homens aparece apenas na quarta posição (18,1%), referindo depois o desejo e a curiosidade sexuais (respectivamente, 21,2% e 14,2%). Em relação a estes dois últimos motivos, as diferenças de género são notórias, sendo a proporção masculina quase duas vezes superior à feminina. A mesma amplitude, mas em sentido contrário, regista-se na evocação do amor como motivo para o início das relações sexuais. Deste modo, para as mulheres prevalecem os motivos de natureza relacional e sentimental, enquanto para os homens a justificação sexual sobrepõe-se a esses motivos, ainda que não estejam de forma alguma ausentes.

Poder-se-á supor que a evocação de motivos não completamente coincidentes esteja associada aos modos de socialização sexual de cada geração. Se admitirmos que houve, como procurámos mostrar, uma mudança no sentido da sentimentalização, particularmente visível no caso masculino, pode admitir-se que os motivos justificativos da iniciação sexual acabem também por reflecti-la. A nossa hipótese seria, portanto, de que os motivos de natureza relacional e sentimental estariam a reforçar-se em ambos os géneros anulando, ou pelo menos atenuando, as diferenças que se verificaram na hierarquização dos mesmos.



A observação do recorte etário sugere, no entanto, que esta interpretação não tem uma sustentação muito evidente. Se atendermos aos motivos principais do lado masculino, verifica-se que as proporções que mais se reforçam da geração mais velha para a mais nova dizem respeito aos motivos de natureza sexual. Não há qualquer evidência de que as gerações mais jovens evoquem menos o desejo sexual como principal justificação para a iniciação sexual. Pelo contrário, o que se observa é exactamente o inverso (de 40,1%, no grupo etário de 55-65, sobe para 49,7% no grupo de 18-24 anos), tendência que se volta a observar em relação à curiosidade sexual (neste caso, a subida é de 23,5% para 32,8%). Quanto à evocação do amor, contrariamente à hipótese que admitimos, não só não se reforçou como, inclusive, parece ter ligeiramente regredido (de 30,9% caiu para 26,2%). Deste modo, não parece haver evidência de que os motivos sentimentais estejam a sobrepor-se aos sexuais. Talvez seja mais adequado admitir-se que o início mais prematuro das relações sexuais dos grupos mais novos tenha conduzido, pelo menos no caso masculino, a um reforço das justificações mais directamente sexuais.

Antes de se passar a analisar a evolução feminina, é necessário ainda chamar a atenção para dois motivos secundários ou pouco referidos. Nos restantes, as oscilações numéricas são relativamente pequenas, mas no que respeita à influência do grupo dos pares («A maior parte das pessoas da minha idade parecia estar a fazê-lo») ou ao consumo alcoólico («Tinha bebido demais») a evolução é bastante significativa. Da geração mais velha para a mais nova as proporções quase que duplicam passando, no primeiro caso, de 5,8% para 8,3% e, no segundo, de zero para 4,4%. Ainda que as proporções sejam reduzidas, esses dois motivos sugerem que os comportamentos que lhes são subjacentes têm vindo a ganhar terreno junto dos jovens e a influenciar as suas atitudes em relação à iniciação sexual.

Estas tendências minoritárias também têm alguma expressão nas mulheres, mas o sentido da mudança é menos evidente do que nos homens na medida em que a variação é, por um lado, menos linear, oscilando bastante de geração para geração, e, por outro, as proporções são ainda mais baixas do que as que se observam na distribuição masculina. É, conseqüentemente, nos motivos principais que se registam as variações mais interessantes, não só porque todos eles, contrariamente ao que se passa na distribuição masculina, reforçam a sua posição, mas sobretudo porque se observa uma alteração da hierarquia dos motivos na geração mais nova. Com efeito, sem que haja um afrouxamento da evocação do amor, que, aliás se reforça, a referência do desejo sexual surge na geração mais nova na segunda posição (30,7%, contra 12,5% na geração mais velha). Há também um reforço significativo da curiosidade sexual como motivo de iniciação, que de 5,7% salta para 19,9%, ainda que mantenha a quarta posição. Mas este reforço dos motivos sexuais na hierarquização feminina, não altera o principal resultado substantivo de que o amor é na geração jovem mais referido do que em qualquer outra, mantendo-se claramente à frente de todos os outros motivos. Mesmo tendo em conta estas mudanças, a hierarquia feminina continua a divergir da masculina, sem que haja evidência de que as diferenças de género tenham regredido e muito menos desaparecido.

Apesar de se ter referido uma tendência de sentimentalização da iniciação sexual, sobretudo visível no caso masculino, no sentido em que passou a ocorrer maioritariamente no quadro de um relacionamento afectivo, os motivos que se alegam para essa iniciação reflectem, no entanto, a interpretação divergente que se constrói em torno do «ideal da primeira relação». Como dissemos, a importância da relação entre a sentimentalização e o início das relações sexuais segundo o género não é a mesma, sendo mais estruturadora da experiência feminina do que da masculina. As diferenças que se observam na hierarquia dos motivos são assim explicadas pelo facto de as normas que decorrem do «ideal da primeira relação» dificilmente «legitimarem» iniciações femininas fora de um quadro de um relacionamento amoroso, enquanto em relação à iniciação masculina admitem mais facilmente a desvinculação afectiva. Deste modo, os números analisados não permitem supor ter havido mudanças substantivas quanto à forma como os géneros interpretam e concebem as normas e o ideal da primeira relação.



## **Conclusão**

A análise realizada evidenciou dois resultados. O primeiro mostrou que as condições de iniciação sexual têm vindo a desenvolver-se cada vez mais de acordo com o «ideal da primeira relação», que representa um cenário cultural de sentimentalização das relações, e em torno de uma idade média mais precoce e mais homogénea. O segundo resultado revela que, apesar de toda a aproximação havida, as diferenças de género não se dissiparam e continuam a manifestar-se na idade média de iniciação sexual e nas condições envolventes da iniciação sexual, como os motivos que se alegam como os motivos que se alegam ou o estatuto do parceiro da «primeira vez».



## Bibliografia

BOZON, Michel (1993), «L'entree dans la sexualite adulte: le premier rapport et ses suites. Du calendrier aux attitudes», *Population*, n° 5, Sexualité et sciences sociales: Les apports d'une enquête (Sep. - Oct., 1993), pp. 1317-1352.

BOZON, Michel (2004), «A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas», in Maria Luiza Heilborn (Org.), *Família e sexualidade*, Rio de Janeiro, Editora FGV.

BOZON, Michel (2005), *Sociologie de la sexualité*, Paris, Armand Colin, (SV- 2115)

GIAMI A. e Marie-Ange Schiltz (eds) (2004), *L'expérience de la sexualité chez les jeunes adultes: entre errance et conjugalité*, Paris, Inserm,

LAGRANGE, H. e B. Lhomond (1997), *L'Entrée dans la Sexualité. Le Comportement des Jeunes dan le Contexte du Sida*, Paris, La Découverte.

LAGRANGE, Huges (1999), *Les adolescents, le sexe, l'amour*, Paris, Syros.

LE GALL, D. (2003), «La première fois. L'entrée dans la sexualité adulte d'étudiants de sociologie», *Sociologie et sociétés*, Vol. 35, n°2, Automne 2003

LE GALL, Didier e Charlotte Le Van (2007), *La première fois — le passage à la sexualité adulte*, Paris, Payote.



**Quadro nº 1**  
**População virgem**

	Masculino			Feminino		
	Já teve relações sexuais ou isso ainda não lhe aconteceu?			Já teve relações sexuais ou isso ainda não lhe aconteceu?		
	Sim, já tive	Não, ainda não tive	Total	Sim, já tive	Não, ainda não tive	Total
Total	97,0	3,0	100,0	93,2	6,8	100,0
Escalão etário						
18-24	83,3	16,7	100,0	66,3	33,7	100,0
25-34	98,3	1,7	100,0	96,7	3,3	100,0
35-44	99,2	,8	100,0	98,9	1,1	100,0
45-54	100,0	,0	100,0	98,5	1,5	100,0
55-65	99,7	,3	100,0	95,3	4,7	100,0
Total	97,0	3,0	100,0	93,2	6,8	100,0



## Quadro nº 2

## Idade de Iniciação sexual

	Idade de iniciação sexual											
	Masculino						Feminino					
	<14	15/16	17/18	19/29	21>	Total	<14	15/16	17/18	19/29	21>	Total
Total	11,8	41,2	34,9	9,5	2,6	100,0	7,9	27,1	41,4	18,3	5,2	100,0
Escalão etário	12,9	31,9	34,0	14,3	6,9	100,0	3,0	21,8	35,1	22,5	17,6	100,0
18-24	13,2	31,2	35,9	11,4	8,3	100,0	2,8	13,2	31,9	25,1	27,0	100,0
25-34	12,1	30,5	29,3	16,1	12,1	100,0	4,1	11,6	25,9	27,2	31,2	100,0
35-44	17,8	25,2	28,0	18,5	10,5	100,0	1,6	5,9	17,7	25,6	49,2	100,0
45-54	13,5	31,4	32,4	14,2	8,5	100,0	3,4	15,0	29,6	24,3	27,7	100,0
55-65	11,8	41,2	34,9	9,5	2,6	100,0	7,9	27,1	41,4	18,3	5,2	100,0
Total	12,9	31,9	34,0	14,3	6,9	100,0	3,0	21,8	35,1	22,5	17,6	100,0
Grau de escolaridade												
1º Ciclo Ensino Básico	15,8	25,2	28,0	17,8	13,2	100,0	3,6	13,3	18,5	24,4	40,2	100,0
2º e 3º Ciclos Ensino Básico	18,7	33,8	29,4	10,2	7,9	100,0	4,5	15,9	32,6	21,7	25,3	100,0
Secundário	9,7	35,5	35,8	14,2	4,8	100,0	3,4	18,8	33,9	21,7	22,2	100,0
Superior	7,4	28,8	36,9	17,0	9,9	100,0	2,1	11,1	31,4	29,2	26,2	100,0
Total	13,4	31,5	32,4	14,2	8,5	100,0	3,5	14,9	29,7	24,1	27,8	100,0
Prática religiosa												
Sem prática religiosa	14,6	35,2	31,9	13,0	5,3	100,0	5,3	19,5	34,4	24,2	16,6	100,0
Menos vezes ainda	12,8	30,1	36,2	11,2	9,6	100,0	4,6	15,6	33,6	21,5	24,6	100,0
Pelo menos 1 vez por mês	13,3	25,9	34,4	16,7	9,7	100,0	1,1	15,7	25,4	24,9	32,9	100,0
Uma vez por semana	13,4	28,3	26,3	20,6	11,4	100,0	1,2	8,0	24,4	26,7	39,7	100,0
Mais de uma vez por semana	4,3	24,1	21,2	23,0	27,4	100,0	3,6	9,0	22,2	25,2	39,9	100,0
Total	13,4	31,4	32,4	14,2	8,5	100,0	3,4	14,9	29,6	24,3	27,8	100,0



**Quadro nº 3**  
**O «estatuto» do parceiro**

	Masculino						Feminino						Total
	18-24	25-34	35-44	45-54	55-65	Total	18-24	25-34	35-44	45-54	55-65	Total	
Qual destas frases corresponde melhor à situação em que teve relações sexuais pela primeira vez?													
Ela era uma prostituta(o)	3,2	4,2	10,1	7,2	24,7	9,6	-	-	-	-	-	-	-
Foi um encontro ocasional	8,0	11,7	13,4	18,2	16,9	13,9	1,5	3,5	2,0	3,8	2,4	2,8	-
Éramos apenas amigos nessa altura	19,0	25,5	18,8	17,7	20,8	20,5	8,2	5,8	6,8	6,2	,0	5,3	-
Conheciamo-nos há algum tempo mas não éramos próximos	9,6	8,6	9,6	6,5	2,5	7,5	2,4	3,8	4,5	8,6	2,4	4,7	-
Éramos namorados na altura	58,3	47,2	42,9	40,3	18,5	41,3	81,4	69,8	69,8	48,4	34,0	59,5	-
Estávamos a viver juntos	,3	,3	1,7	,0	,8	,7	2,0	2,6	1,5	,4	1,7	1,6	-
Estávamos para casar	,3	,6	1,0	4,9	7,4	2,7	3,2	5,6	4,6	12,1	13,0	8,0	-
Estávamos casados nessa altura	,7	,6	,0	5,2	4,6	2,1	,4	5,4	8,9	19,9	43,3	15,9	-
Outra	,6	1,3	2,4	,0	3,7	1,6	,9	3,4	1,8	,6	3,1	2,1	-
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	-





**Quadro nº 4**  
**Os motivos da iniciação sexual**

	Masculino						Feminino						Total
	18-24	25-34	35-44	45-54	55-65	Total	18-24	25-34	35-44	45-54	55-65	Total	
Estava curiosa/o acerca de como seria	32,8	23,6	31,3	17,0	23,5	24,8	19,9	18,2	17,3	10,6	5,7	14,2	19,7
Tinha desejo sexual	49,7	46,9	47,5	37,0	40,1	43,7	30,7	27,4	21,4	16,9	12,5	21,2	32,9
A maior parte das pessoas da minha idade parecia estar a fazê-lo	8,3	7,9	7,0	4,4	2,1	5,8	3,7	3,2	6,3	2,5	1,4	3,5	4,7
Parecia ser o passo natural seguinte da relação	24,8	17,6	19,7	10,7	21,9	18,1	27,9	32,9	28,7	25,9	20,9	27,6	22,7
Tinha bebido demais	4,4	3,6	3,4	2,3	,0	2,7	2,5	,7	3,1	,0	,6	1,3	2,0
Queria perder a virgindade	16,5	17,3	21,1	9,0	13,1	15,3	4,2	4,5	5,0	6,3	1,4	4,4	10,0
Estava apaixonada/o	26,2	28,9	22,3	32,3	30,9	28,3	66,5	51,4	54,7	63,2	55,9	57,1	42,2
Para agradar	,9	1,1	1,4	1,1	,6	1,1	2,5	2,3	2,8	4,6	2,5	3,0	2,0
Outra razão	4,1	2,9	5,8	3,0	8,0	4,7	5,4	1,8	5,1	6,0	14,0	6,2	5,4
Não sabe/Não se lembra	2,0	4,0	2,8	6,2	4,3	4,1	1,9	3,9	3,3	2,7	2,0	2,9	3,5
Não responde	3,5	5,2	3,8	6,4	3,3	4,6	1,9	6,9	3,3	4,7	6,5	4,9	4,8
Preservativo	78,9	58,5	35,8	16,2	6,9	37,1	82,5	61,3	32,1	21,6	5,4	36,8	37
Pílula	10,1	7,6	6,2	6,4	2,4	6,4	20,5	18,6	14,7	16,8	9,8	15,7	11
Outro meio contraceptivo	,0	,1	,2	,5	,0	,2	,0	,0	,6	1,0	1,2	,6	0,4
Coito interrompido	1,1	1,5	1,2	1,3	4,0	1,8	1,9	1,3	2,8	3,9	1,3	2,3	2
Período seguro	,1	,5	,2	1,4	1,2	,7	,0	,0	1,7	,9	,7	,8	0,7
Não tive precauções, nada sabendo em relação ao meu parceiro	1,0	2,4	3,5	4,7	6,4	3,7	,4	2,2	3,4	3,0	2,7	2,6	3,2
Nenhum de nós tomou precauções	13,9	27,8	49,1	68,2	70,9	47,8	9,3	21,1	43,7	47,3	72,0	41,0	44,4
Não sabe/Não se lembra	,0	2,8	4,6	1,9	7,1	3,4	,4	,8	2,7	4,3	4,1	2,6	3
Não responde	1,6	1,8	,1	2,0	1,0	1,3	,4	1,6	1,5	1,5	3,7	1,8	1,5

- i Como se está perante uma pergunta de resposta múltipla, o somatório dos vários motivos pode ultrapassar 100%.
- ii Como se está perante uma pergunta de resposta múltipla, o somatório dos vários motivos pode ultrapassar 100%.